



Quinzenário — Autorizado pelo CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

3 de Fevereiro de 1996 • Ano LIII — N.º 1354
Preço 30\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra de Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Um bairro longo, com dezenas de ruas e centenas de habitações...

Ecoss d'África

Tema tão premente

O mal foi principiar! Naquele lote de cartas há quinze dias referido, depois de uma demorada mas muito saborosa releitura, encontrei presenças, individuais e de grupos, que não posso calar.

De resto o tema é tão premente! Em informação da UNICEF que estava junta, colhi estes números, relativos só a Angola, que nos fazem tremer: «Em consequência da guerra são cerca de 35 mil os órfãos e mais de 470 mil as crianças cujos pais foram obrigados a abandonar as terras de origem, perdendo todos os seus bens. Outros dados apontam para um número superior a um milhão de crianças, entre os 6 e os 14 anos, que não frequentam a escola. (...) E entre os que a frequentam a situação não é melhor: só cerca de 142 em cada mil alunos da instrução primária passam à fase seguinte; e metade deles reprova pelo menos duas vezes!»

É o desenraizamento, a instabilidade, a fome, doenças, o passar por tantos medos e riscos — como não hão-de ficar marcadas as gerações, infantes e jovens, destes vinte anos passados?! E que são as nossas duas Casas para responder a estes números assustadores?! As Missões que eram antigamente centros de escolaridade e formação humana e profissional de grande mérito, também elas não dispõem ainda de condições para voltar a um trabalho eficaz nesta área. As Casas dos Rapazes de Luanda e Huambo que os Padres do Espírito Santo mantinham, não foram ainda reativadas. O panorama seria desanimador se não fora «o esperar contra toda a esperança», força que só de Deus pode vir. É esta força que anima as nossas comunidades e as torna luz por sobre tão pouco que elas podem fazer. É a herança espiritual de Pai Américo: «um só que se salvasse e valeria a pena; mas eles são tantos!»

Por isso todos somos poucos para tamanha missão. Mas graças a Deus que são ainda muitos os que, com a sua oração e os seus dons, vão tornando possível este pouco que está ao nosso alcance e se vai realizando.

Continua na página 4

Património dos Pobres

Os Pobres são segregados!

FOMOS visitar bairros de Pobres e de habitantes de poucos recursos, daquela cidade que já é grande. Na véspera tínhamos ido buscar três dos nossos fugitivos que não punham os pés na escola. Em nossa Casa temos criado e estamos a criar muitos filhos daquela zona.

Ao aproximarmos-nos, o nosso companheiro que conhece bem aquele ambiente, desabafou angustiado: — *Os Pobres são segregados!* É um bairro longo, com dezenas de ruas e centenas de habitações. Edifícios longos e pesados. Espaços pequenos numa zona muito ampla com terreno inculto.

Soluções sem gosto. Política barata. Parecem projectos e realizações de quem não conhece o viver dos Pobres como pessoas. Persianas partidas. Vidros estilhaçados. Paredes sujas. Pinturas desconexas nas paredes. Ruas com muito lixo. Árvores destruídas. Barracas muito miseráveis à volta. Ao fundo, barracões de tábuas escuras servem de escola secundária, frequentada por alunos nossos das classes ali ministradas.

Muitas mulheres sentadas na rua. Magotes de crianças a brincar nos pequenos espaços. Muitas pessoas de cor. Habitações sem condições para amontoados, casas transformadas em autênticas palhotas africanas.

O Padre Américo sonhou e gritou por habitações dignas para os Pobres. Criou o Património. Casas airosas e suficientes. Com ar e luz. Com espaços e divisões suficientes. Nada de amontoados. Procurou que tivessem assistência! No Porto, Coimbra e outras terras a presença das Criaditas dos Pobres tem sido remédio.

Parece-nos que seria campo de trabalho para o Serviço Social. Destacamento de assistentes sociais que fizessem a sua acção. Assistentes sociais que não limitem a sua acção a encher papéis ou andar de lado para lado. Que saibam ensinar a arrumar, a limpar, a fazer comida, a lavar roupa, a pôr fraldas a crianças, a ser mães.

Parece-nos também que podia ser campo de trabalho para a Igreja que sempre foi e terá de ser Mãe de Misericórdia. Um campo esplendido para actividade de Associações religiosas que andam à procura de campos de trabalho. Sempre fomos de opinião de que não se devem juntar muitas famílias com fracos recursos económicos. Acabam por não se entenderem. Tem razão o velho ditado do povo: «Casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão».

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

Há tanto que fazer...

NÃO é desespero, mas desabafo de quem não passa de lado.

Aqui, em lugares diariamente seleccionados no *écran*; noutros, nem conhecidos nem imaginados; nas Musgueiras norte ou sul, por detrás das grandes superfícies a abarrotar de abundância e até em ambientes ecologicamente prendados, não se pode fechar os olhos e passar farsaicamente de lado como se nada fosse connosco. São lugares geográficos, espaços humanos, onde podíamos ter nascido, crescido e, connosco, as misérias que neles abundam. Por conseguinte, responsabilidade acrescida. Existem, estão ali, desafiando compromisso ou acusando inércias.

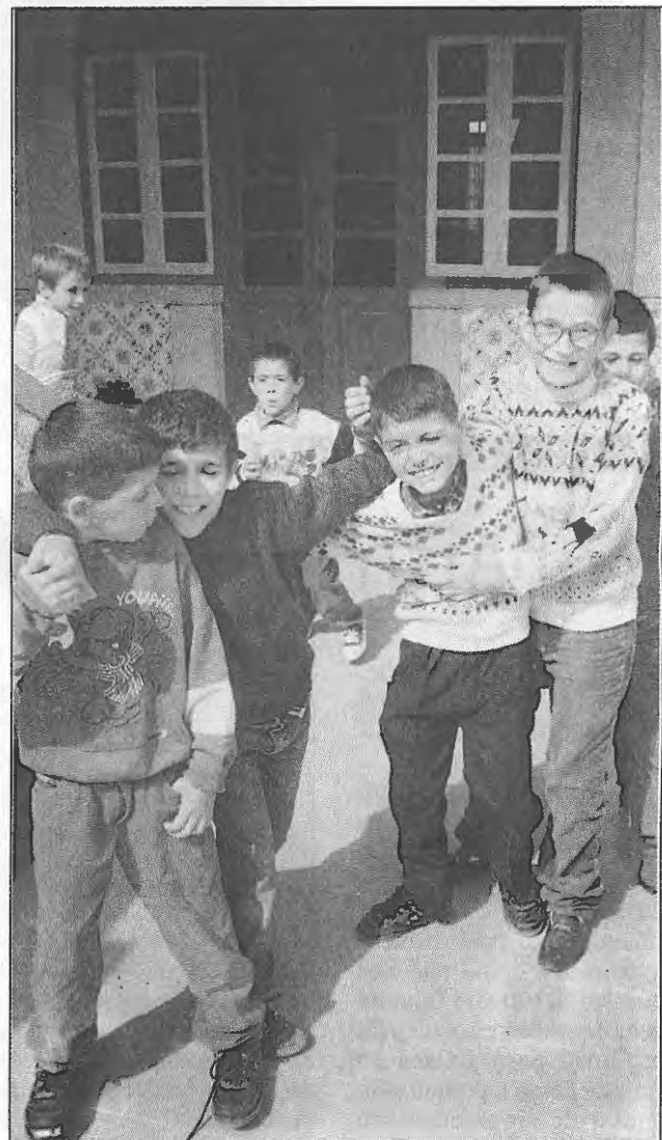
Ao seu lado, não se pode estar em paz.

Um deles por detrás de grande e quente superfície comercial em Lisboa. O cheiro da abundância e a percepção do olhar complacente de quem passa e se deixa condoer. E se são crianças, o objecto da complacência, sabe-se: a esmola avulta. Vale do Tejo! Sumptuoso e belo. Pronto sempre para nos encher os olhos e embarcar no sonho. Mas para quem lá mora já se habituou ao seu silêncio. As barracas. Soluções à vista, muitas. Algumas concretizadas. Neste caso, não. Um menino de oito anos. Mãe e irmão toxicod dependentes. Um menino capaz de ser alguém — dizem-nos no ATL. Ali, vai seguir os passos dos que com ele partilham tecto e pão — atalham os vizinhos, solidários. Mas o menino é da mãe e a mãe impede. Na

superfície comercial a esmola abunda, a cara do menino encanta e mete dó: em casa faz jeito.

Mais ao norte, numa estrada de serra: «Ó sra. Dra. ande mais depressa!», gritei eu. Má na condução, excelente na sensibilidade ao problema que nos levava: «Olhe que o carro é meu porque o dos serviços não chega para as encomendas...». Íamos rio Sousa abaixo. Paisagens belas. Os rios fortes levam sonhos, mas escondem lágrimas sem conta. Nas suas margens, uma família na pior das misérias. E o que mais aflige é que a comunidade de que faz parte, já desanimou na ajuda dada. Com alguma razão. Fomos por dois dos seus pequenitos, um de dez

Continua na página 3



Miranda do Corvo — Eles em sua Casa!

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS / 95 — São publicadas para que os nossos Leitores saibam aonde e como foram aplicados os seus óbolos. Obviamente, não é um «relatório» tecnocrata. Elas, as Contas, revelam, no entanto, quanto temos de dar graças à Providência divina!

No decorrer do ano entregámos, em auxílios domiciliários, 1.557.088 escudos. Ainda agora o pai do seropositivo já aqui referido, aos quais temos ajudado conforme as necessidades, pede que telefonemos à assistente social do CRSS para que faça o ponto da situação sobre o almejado subsídio para o doente. — *Eu não q'ria sacrificar a Conferência...!*, exclama ele, com delicadeza. A funcionária atendeu. — *A partir de Fevereiro (mês em curso), receberá subsídio retroactivos*, disse.

Às vezes, lembramo-nos de alguns Pobres... Até daqueloutro que, na década de 50, foi a derradeira *chispa* que disparou o lançamento do Património dos Pobres na alma de Pai Américo: a miserabilíssima condição do seu barraco; a sua vida d'oração permanente que dava Força para resistir à extrema miséria, à *exclusão*...! Só um *eleito* seria capaz de idêntico comportamento! Nesta linha, consumimos 680.904 escudos em rendas de casas, «pequenos auxílios» a auto-construtores, reparação de moradias do Património dos Pobres; evitando, assim, que o mau tempo sacrificasse a vida de algumas famílias.

Como o factor doença é tão pesado no orçamento dos mais necessitados, contabilizámos 430.374 escudos na terapêutica de doentes, a maior parte sem ter quê para comprar remédios na botica. Distribuimos, ainda, em despesas diversas, 180.604 que resolveram várias carências. Partilhámos regularmente, por Pobres a cargo da Conferência feminina paroquial, 315.500 escudos. Trabalhamos na mesma seara. E enviámos 295.000 escudos à hierarquia da Sociedade de S. Vicente de Paulo para determinados objectivos.

Por fim, recebemos 3.715 contos dos Leitores d'O GAIATO — com a generosidade e o estímulo de sempre. Mais 158.996 escudos doutras procedências. Muito obrigado. Demos graças a Deus!

PARTILHA — Assinante 6205, de Goães (Vila Verde), com um cheque para a nossa Conferência e remata: «*Com muita pena é-me impossível ser mais generosa*». Aqui está o valor!

Assinante 14493, do Porto, «*os habituais dez mil para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus referentes ao mês de Janeiro/96, pequena ajuda no mar de dificuldades em todos os Pobres*».

A carta da assinante 26306, do Porto, abre com uma taça de flores e um «*BOM DIA! A beleza não se deixa aprisionar, mas deixa-se encontrar*». E continua, agora pelo seu punho: «*Envio um cheque de dez mil para uma família das mais necessitadas. Peço perdão por ser tão pouco em relação às carências que se vos deparam; mas, se Deus quiser, em breve darei mais notícias*». Uma alma grande!

Mais dez mil, do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, «*que aplicação de acordo com o vosso habitual critério*». Retribuímos o abraço amigo.

De Odívelas, a assinante 12310 com «*saudações amigas em Cristo Jesus*», manda «*uma pequena contribuição para a Conferência utilizar conforme virem que é mais necessário. Não precisam acusar recepção*». Cumprimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

CARAS NOVAS — No dia 14 de Janeiro recebemos mais uma cara nova. Ele chama-se Silvío Emanuel. Tem 11 anos. Veio de Santa Luzia — Porto.

Esperamos que se habitue à vida da nossa Casa, o mais rápido possível.

TROLHAS — Já envernizaram a madeira da parede da casa 4 de cima. Agora, só falta envernizar a dos nossos quartos.

BICICLETAS — Cada casa tem uma ou duas oferecidas por uma excursão de Gueifães. Os rapazes estão muito contentes! Obrigados pela oferta.

ESTUDO — O tempo de estudo dos rapazes da casa 4 de cima era no sótão. Como já o arranjaram, agora é na biblioteca. Os rapazes ficaram muito contentes porque é um local muito apropriado.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

DESPORTO — No dia 13 de Janeiro defrontámos a equipa de futebol «Os Ribeirenses».

O jogo ficou marcado pela correcção com que decorreu e pela amizade entre os intervenientes.

Durante a primeira parte a nossa equipa sentiu muitas dificuldades e demorou a compreender o sistema táctico do adversário. Valeu a atenção do treinador — o «Banana» — que durante o intervalo introduziu as devidas alterações para que na etapa complementar a nossa tarefa fosse mais facilitada para levar de vencida essa equipa muito bem estruturada e disciplinada.

Resultado final: 7-3.

No domingo, dia 22, a nossa equipa mais jovem defrontou o Grupo Desportivo Café Saudade, de Mouriz — Paredes.

Perdemos por 4-3. Agradecemos a oferta que «Os Ribeirenses» deixaram no final do prélio.

Rogério

REUNIÃO — No dia 20 de Janeiro foi convocada uma reunião extraordinária pelos atletas do grupo de futebol. Assunto: regresso do ex-treinador Lupricínio.

Durante os últimos anos Lupricínio foi o responsável pelo desporto, em nossa Casa, em todos os escalões. Pela forma de lidar com o grupo de trabalho e pela maneira de estar no desporto, levou que a

pouco tempo da sua renúncia lhe pedissem que voltasse.

Durante a reunião foram distribuídas chuteiras, oferta da MJ Sport — Fábrica de Calçado Desportivo de Lousada. Agradecemos.

Vitinho

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — No edifício das escolas os pedreiros já estão a pôr as vigas e as tijoleiras para a armação do telhado.

Também continua a ser construída a eira para os mais pequeninos.

GADO — Os responsáveis do gado esperam as crias que hão-de nascer (alguns cabritos). Morreu um porco pequeno por causa da farinha estragada.

VISITANTES — No dia 21 de Janeiro recebemos uma visita de perto do Porto. Nós gostámos. Agora, esperamos a vinda de mais alguém.

OFICINAS — Os nossos rapazes continuam a trabalhar, a fazer portas novas para substituir as estragadas. Assim como novas canalizações.

POUCO A POUCO

Desporto e música

DESTA vez, sobre desporto e música. Chegaram alguns instrumentos musicais e certos meios desportivos (calções, camisolas de treino), graças ao concurso de muita generosidade. Vejam só:

A Casa do Gaiato de Paço de Sousa ofereceu um amplificador, um órgão e uma viola; os antigos gaiatos (Quim «Carpinteiro» e outros) encaixotaram tudo e mandaram via Benguela. Outro antigo gaiato, o «Solano», transportou os caixotes para Luanda e um outro antigo gaiato «Zé da Fisga», de Malanje, meteu-nos tudo em casa.

De Lisboa, uma senhora amiga mandou alguns aparelhos de música. Tudo chegou. Estamos gratos.

Pensamos que também é importante investir na área do desporto e da música, não só porque os rapazes se mostram sensíveis a isto, mas também porque é uma exigência fisiológica e espiritual. «*Mens sanis in corpore sano*».

Muitos rapazes vêm de ambientes familiares degradados e marcados por situações traumatizantes. Pior ainda, tendo passado pela «grande tribulação» que Angola

conheceu e esta cidade, de Malanje, viveu nos últimos dois anos, cremos que as vertentes música e desporto contribuem para um crescimento físico sadio e ajudam ao equilíbrio psicológico e espiritual da Comunidade. Por isso não é coisa a mais que se ofereça a estas crianças, adolescentes e jovens.

Já começou a aprendizagem e a coisa vai bem porque há entusiasmo da parte deles. Pouco a pouco, vamos começar do mais simples até atingir a maturidade, como são as Festas do Tojal. Chegar àquela perícia e arte consumada como são as Festas de Setúbal. Vamos formar uma equipa de futebol que seja tão goleadora e campeã, como a de Paço de Sousa. Descobrir os pequenos «profissionais» como o «Banana», os «Gêmeos», o pequeno Kanindja de Miranda do Corvo e outros... Acreditamos que a pouco e pouco o nosso desporto brilhará e a nossa música fará vibrar.

Neste momento falta-nos uma bateria, uma mesa misturadora de sons. Já se nos tinha queimado o transformador dum aparelho. Pagámos alguns milhares de kwanzas pelo concerto, isto porque carecemos de um estabilizador de corrente. As bolas que rebentam e outras que não temos para substituir, eis a grande «maca» da época.

Padre Manuel Kalemba

LAR DE COIMBRA — Já começaram os testes do segundo período. É preciso ter mais concentração e estar mais atento nas aulas para se colher boas notas. Os que têm mais dificuldade vão ter que estudar muito mais. Mas todos necessitam de estudar.

Um dos nossos rapazes, o Tozé, e outro senhor estão a arranjar o quarto de banho do Lar que estava estragado.

AVES — Deixaram fugir a perdiz que o «Chuinga» apANHOU!

Tínhamos cinco corvos. Quatro foram roubados. Por quem, não sabemos. Os nossos rapazes ficaram muito tristes porque os criaram desde pequenos.

João «Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO — Sempre conseguimos que as famílias que ajudamos tivessem um Natal mais quente, doce e feliz. Brinquedos para as crianças, doces para os mais velhos, consoadas e agasalhos para todos. Graças de todos os que se preocupam com os mais desfavorecidos, solitários, doentes.

O corrente ano será um pouco duro, financeiramente. Temos muita despesa. Alguns doentes gastam remédios muito caros. Contamos com a vossa ajuda e o vosso estímulo que nos dão força e coragem para continuarmos.

RECEBEMOS — «Envio 2.000\$00 para ajuda dos mais pobres», da assinante 30716. Maria Margarida, 4.000\$00. Assinante 22914, 5.000\$00. Um cheque de 10.000\$00 do amigo Óscar. Assinante 15655, 11.000\$00. Assinante 22628 10.000\$00. Votos de um homem, num lindo postal da assinante 38812, com 1.000\$00. Maria Fernanda, 5.000\$00. Outro cheque de 10.000\$00. A.S.R.: «Para que uma família tenha um Natal melhor», 10.000\$00. J. R. D., 2.000\$00. José D'Eça, 10.000\$00. Da Alemanha, 200 marcos através do B.P.A.

Pedimos ao sr. Amador que corrija o nosso endereço; assim: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Deus vos pague.

Maria Germana e Augusto

TOJAL

ESCOLAS — No segundo período, com um mês de aulas, surgem os primeiros testes. Alguns, negativos; outros, positivos. E há, também, os insípidos: mais negativos que positivos e vice-versa.

No primeiro período houve muitas notas más e algumas razoáveis. Tenham cuidado os que frequentam os 9.º e 10.º anos...

FESTAS — Preparamos algumas peças, música e poesia para recheiar as Festas deste ano.

Muitas ideias, muito trabalho e, sobretudo, muita dedicação

RETALHOS DE VIDA

Roberto

O meu nome é Roberto. Tenho 15 anos. Sou natural da freguesia de Arroios — Lisboa.

Os meus pais separaram-se porque ele bebia e batia na minha mãe. Um dia, ela foi buscar-me a casa, pois eu estava cheio de fome. Então, fomos para os meus avós. Mas, como não nos podiam sustentar, falaram com a assistente social para me levar para a Casa do Gaiato. Disse logo que sim, apesar de vir a ter, como tenho, saudades dos meus avós.



Desejo que os meus pais façam a paz, outra vez. Deus queira que sim.

Gosto muito de estar aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, porque faço uma vida normal.

Roberto Monteiro Moraes

Setúbal

APESAR da alegria e do carinho com que o Natal sempre nos envolve e de que quero dar notícia, este tempo festivo foi marcado por algumas amarguras e profundo sofrimento.

Costumamos desafogar na presença de Deus e no Altar a cruz da nossa paternidade. No final manifestamos quase somente alegrias emergentes desta missão.

Não há paternidade sem cruz e, quanto mais larga e fecunda ela se projectar tanto maior será a dor que inevitavelmente arrasta. Não admira pois a angústia que uma festa de família possa acumular.

Sem o Natal não teria sentido a nossa paternidade, nem de longe seria tão rica!

É a magnificência do Natal que sempre trago para aqui, a fim de pôr os Amigos diante dela e lhes pedir que conosco dêem graças a Deus no êxtase concreto da Sua presença providencial revelando o Seu amor aos Pobres e a *Fidelidade dos cem por um*, prometidos.

A Comunidade Eucarística de Monchique, representada por meia centena de pessoas e o seu pastor, comungando da nossa fé e da responsabilidade de dois rapazes, oriundos do seu povo, que acolhemos, peregrinou até nós para celebrar o Mistério, ouvir a Mensagem e conviver à mesa com todos da carinhosa e agradável refeição algarvia.

Transportaram também presentes: hortaliças, frutas, batatas e mel do seu cultivo, muitos mimos e mais 237.162\$50.

É uma acção apostólica que este Padre promove há vários anos. Deus permita que de Monchique, alfobre de tantas vocações, venha um sacerdote para esta

Casa, ou uma senhora como mãe dos meus meninos!... Deus queira!... Perder a vida para a ganhar!

A paróquia do Seixal há muitos anos que faz desta visita uma obrigação natalícia. Anda por ali fogo evangélico. Nota-se pela dedicação aos toxicodependentes. 175.000\$00. Tenho de lá muitos rapazes.

A paróquia da Marateca, apesar de tão pobre, não se cansa: 33.000\$00. Capela da Quinta do Perú, 78.000\$00.

Missão Católica de Danzinger, 25.000\$00. Capela da Quinta das Torres — Azeitão, 400.000\$00. Capela de Santa Rita do Montijo, 23.000\$00. Centro Pai Nosso, do Pinhal Novo, 20.000\$00. Uma comunidade de Religiosas, 10.000\$00. Corroios, Cova da Piedade, Almada marcaram muitas presenças com cheques, vales do correio e visitas.

Os costumados Amigos não permitiram que a época festiva acontecesse sem se desobrigarem deste encargo de consciência. Foram mais duas centenas deles, de Setúbal, Palmela, Beja, Évora e Algarve. O grosso vem de Lisboa com Cascais, Oeiras, Queluz, Amadora, etc.

O assinante 18767 manda seis mil escudos e pede «que seja mencionado no próximo jornal». O GAIATO é pequeno para que todas as dádivas sejam publicadas. A Obra cresceu muito. Por vezes não é possível satisfazer estes desejos.

A Feira da Ladra, do Lion's Club de Setúbal, rendeu 930.000\$00. Que este grupo de companheiros não desanime! A iniciativa desperta muita gente e tem mérito, para além do valor económico. Se a pobreza e a miséria têm crescido assustadoramente em Setúbal, é necessário que a solidarie-

dade daqueles cujos valores se mantêm incólumes, sem dúvida com muito mérito pessoal, aumente em volume semelhante. Por aqui passa a Salvação temporal e eterna de todos.

Algumas empresas assinalaram a sua inquietação com os Pobres, ajudando-nos. A Sapec com 20 toneladas de adubo químico. A Secil com cimento que os rapazes vão encher em sacos para as nossas obras, casas dos rapazes e outros Pobres; mais o valor correspondente ao bolo-rei e vinho doce que os operários, a trabalhar na noite de Natal, deviam receber. Adelinho e Romão, do Seixal, com 30 contos. Navigomes, 300 contos. O Retiro Azul, de Palmela: um jantar de Natal a todos no seu magnífico restaurante e 20 contos. Nónio-Hirosh-Lisboa, da Portucel, 100 contos.

Os responsáveis da organização da campanha de Natal no meio dos trabalhadores das empresas costumadas não se distraíram. O Bem que estas equipas desenvolvem não se mede somente pelo dinheiro que angariam, mas sobretudo pelas virtudes que despertam. Os da Portucel, 264.015\$00. Da Secil, 97.880\$00. Da Segurança Social, 86.960\$00.

Muitos antigos gaiatos enviaram os seus donativos e outros vieram pessoalmente trazê-los e saborear connosco o encontro. Nada mais agradável!...

Todos os vendedores do GAIATO receberam prendas! Que doçura sentir os meus filhos assim amados! Eles que, às vezes, na venda, padecem tantas contrariedades!

Os senhores do frango, do bolo-rei e dos doces estiveram presentes e a mesa foi rica e abundante! Durante este período ajudámos seis antigos gaiatos a comprar casa. Faltam-me madrinhas. Hei-de voltar ao assunto.

Padre Acílio



da parte das senhoras e dos ensaiadores — os rapazes mais velhos.

Alertamos as diversas pessoas que tenham fatos e roupas a mais, e sirvam para realizarmos o nosso programa, o favor de no-los dispensarem. Um muito obrigado antecipado.

OBRAS — Desde Setembro elas continuam no palácio, já muito antigo, gasto pelo tempo.

Demorará muitos meses a ficar reparado. Talvez nos finais de 1997, princípios de 1998, quando a nossa Casa fizer 50 anos. Seria uma grande prenda, pois só faltariam concluir as obras no palácio e na zona das pocilgas e da vacaria.

FUTEBOL — Estamos muito bem. Temos bolas e equipamento. Só faltam chuteiras...!

Nos fins-de-semana jogamos no pavilhão e também no campo. Mais vezes, porém, no pavilhão. É lá que disputamos jogos entre a malta, nos tempos livres.

Se alguém quiser disputar algum jogo connosco, ficaremos muito gratos. Avisem, telefonando ou escrevendo para o nosso Grupo Desportivo: Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures.

VISITANTES — Recebemos Amigos que nos trazem muitas coisas necessárias ao bom funcionamento da Casa. De vez em quando, pedem para mostrarmos todas as dependências. Os cicerones correspondem, de bom grado. Gostamos muito de ser visitados e ainda mais quando nos convidam para um jogo de futebol.

Joaquim Miguel F. Pinto

PENSAMENTO

Senhor, que eu saiba pegar sempre na vida dos Pobres com jeito de amor...

PAI AMÉRICO

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

outro de nove: «Ninguém tem mão neles... Só vocês...» Como se fôssemos feitos só para ter mão... Mão e coração; mesa, escola, trabalho e fé — família.

No regresso, a nossa solução para os dois e o outro da barraca ainda não safu do pensamento. É a nossa solução, a nossa ajuda. Não basta

que os nossos rios se encham e o pensamento mude de cor. Não chega o sonho; há muito que fazer!

Padre João

Excertos de cartas

Luzinha acesa

Ao ler o vosso jornal sente-se Deus. A mim comove-me imenso. Obrigado pela generosidade que vos anima e por ser uma luzinha acesa neste mundo. Estou certa que Deus vos acompanha de muito perto. Que Ele vos abençoe.

Assinante 65841

Fervilha Vida

Quanto ao vosso e nosso O GAIATO não tenho pala-

avras para dizer o que sinto quando o leio. Nele fervilha Vida; e a Doutrina de Jesus que expressa, «faz mozza» em nossa alma.

Os meus olhos impedem-me de o ler de afogadilho, como fazia quando era estudante; mas costume trazê-lo na carteira e vou-o lendo aos poucos, nas paragens dos autocarros, consultórios médicos, etc.

Assinante 8200

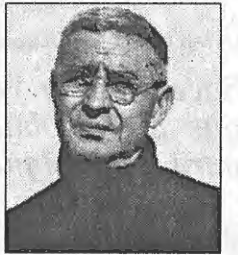
Bálsamo

Tem sido sempre para mim um bálsamo a leitura do GAIATO. Precisamos de ser confrontados com a realidade tão carente dos nossos irmãos do Ultramar para darmos graças a Deus por tudo aquilo de que dispomos. E, quantas vezes, ainda assim nos lamentamos. Que Deus nos perdoe.

Assinante 56564

DOCTRINA

... em íntimas confidências que são segredos do Céu!



AQUI onde me vês, de joelhos, humildemente, beijo aquelas mãos discretas e generosas que me deram roupas para a cancerosa e um cobertor para o moço reumático. Não sei que tenho no meu peito; há tantos anos a receber e a distribuir encomendas ao Pobre e sinto sempre o mesmo alvoroço, fresco e delirante, do receber prenda de anos ou presente de Natal!

SUBI, na mesma hora em que recebi, ao cubículo do nosso rapaz, sobraçando o teu cobertor, pois eu sabia-o com tanta necessidade de agasalho na cama e andava com tanto frio, por via dele! Ao fundo está o berço do pequenino, desprovido de roupas e de colchões. — *Dormimos aqui todos. De sorte que o cobertor que me deste cobre uma família inteira! Ai que quentinha não vai ser a tua cama, ao saberes esta notícia!*

TAMBÉM fui à cancerosa entregar duas camisas. Quanto aos lençóis, se não te importas, vão para a cama do pequeno de meningite, «lindo como o sol accso» — segundo o amor de Mãe. E vão para ali, porquanto a cancerosa quanto a roupas de cama está remediada. Se sabes de um xaile para a mãe dela, ou de um fato de dormir para o moço reumático, bem fazes enviando estes artigos para (...) onde assentei arraial. Já somos ali uma família de dezoito rapazes dos Reformatórios. Não se conquista a paternidade espiritual desta classe de gente, sem primeiro descer e servir com dignidade e firmeza; reza muito por mim ao nosso bom Deus para que não tropece na vaidade e vá cair na falsa glória! Ele é tão fácil acreditar no que se diz de nós, quando dizem bem!

O meu giro do Pobre nunca é interrompido, muito embora outras canseiras me interrompam; todos os dias bato a portas onde habita a indigência, antes que ela venha bater à minha — «candeia que vai à frente alumia duas vezes». Dizem que sou revolucionário, mas não. Quando ouço na meia-luz do casebre fundeiro a voz do «tape o nariz, senhor, que cheira aqui muito mal», bem me pudera revoltar, sim, mas antes quero sofrer e ser feliz. — *Olhe, é destes canos de esgoto... Irmãos nossos com o nariz colado nos dejectos das cidades, à força! Ai chora comigo e com eles, pacificamente; e faz-lhes todo o Bem que puderem.*

EU não sou revolucionário, mas sei de onde chove a Revolução. Por isso mesmo nunca leio jornais. E, se às vezes os merco, é mais para dar cinco tostões aos arduos do que para saber notícias; nem se me dá do que tu dizes ou pensas acerca de guerras. O que eu procuro é saber mais e melhor o que Deus pensa delas e trabalhar consoante.

O. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Ecoss d'África

Continuação da página 1

Sacerdotes e comunidades que eles mobilizaram para esta inquietação

Temos hoje, aqui, a presença de sacerdotes, alguns, em companhia das suas comunidades que eles mobilizaram para esta inquietação.

É Freixiel, é Alpalhão, é a «Tenda do Encontro» na Vagueira, a parte sul e litoral da Diocese do Porto, Loureiro-Régua, Cesar, S. Romão de Coronado, S. Tomé de Negrelos, S. Clemente de Sande, Junça e Naves (estas também como contributo penitencial na Quaresma).

São comunidades religiosas, predominantemente femininas, com suas próprias renúncias, com o produto de trabalhos artísticos de seus membros, com o endosso de ofertas que lhes são feitas.

São presenças de Irmãos Evangélicos e, de entre estes, muitos motivados à partilha de orações e de bens por um Manuel que é poeta popular:

«Padre Américo, dizem, vai ser
Só agora canonizado
Mas já estava, antes de morrer,
No coração do Crucificado.

Viveu só para os Outros
Dele sempre se esqueceu.
Assim, deu grande exemplo
ao crente e ao ateu.»

É alguém que nos conheceu em Angola e, hoje, em Fátima, plenamente empenhado na *Cidade do Imaculado Coração de Maria*, tem tempo e lugar no seu coração para nos lembrar.

Foi o «contributo penitencial» da Diocese de Beja na Quaresma passada; e outro de um casal de Lamego.

Vai ser, agora, segundo leio, parte dos dons que se juntarem na passagem da relíquia de Santo António, ocorrida durante as celebrações do seu oitavo centenário.

Bafo reconfortante, que é força e dá força!

Outros grupos dizem presente: Pessoal da Telecom - Praça da Batalha - Porto com duas bicicletas para Malanje. A Comissão do Curso de Ciências Históricas - Património (1991/95) da Universidade Portuguesa. Os alunos do 2.º ano da Escola n.º 1 de Rebordosa. E de outras Escolas de que guardo lembrança mas não registro.

Imensas presenças cheias de delicadeza

Depois, inúmeras presenças cheias de delicadeza. Ele, bodas matrimoniais de quem celebrou as «de prata» há 25 anos na Igreja da Arrábida no Lobito; e outra num 76º aniversário do matrimónio (será que os Noivos de então ainda o celebraram, ou será a piedade filial dos seus descendentes?).

De Gramaços, alguém de uma família

muito ligada a Pai Américo desde os tempos de Coimbra. E de Gaia um «obrigado pela oportunidade que nos dão de fazer algum bem para a nossa alma». Lisboa e «convosco dou graças ao Senhor pelo trabalho incansável dos vossos colegas que esquecem a idade, a saúde e o bem estar para se ocuparem inteiramente dos nossos irmãos 'mais pequeninos'».

Outra vez Lisboa e «há meses que 'ouço' os *Ecoss de África*, sempre com o propósito de enviar um sinal do meu acompanhamento. É hoje».

Coimbra e «gostaria que a minha pequena oferta fosse para Moçambique, pois nasci lá e sinto-me bastante solidária com o seu povo».

Oliveira de Azeméis e «as primeira notícias que leio são as de Angola e Moçambique, embora depois leia as outras do *Famoso*».

E a Maria Isabel, de Mosteirô — Feira, com uma carta espumante que o espaço não me permite publicar.

E a «Maria do Porto» e a Camila, de Ermesinde. E a «velha» Alice, de Gaia, com muitas devoções na Obra da Rua e agora também África. E Irene, de Rio Tinto, portadora «do primeiro vencimento do meu filho, que começou agora a trabalhar ainda como estagiário». E uma 1.ª reforma da R. Santos Pousada — Porto. E o «nosso querido GAIATO é sempre um despertador de consciências e um doloroso grito em favor dos que sofrem as injustiças do

nosso tempo» — diz-nos uma Maria, de Brnhaís. A Maria Haydée diz quase o mesmo: «O GAIATO enfia-me muitas carapuças».

De novo Ermesinde «um casal de septuagenários». E outra Alice, de Lisboa, desejando mandar dólares para as Casas de África. E o assinante 1265, que em 1943 teve o seu primeiro contacto com Pai Américo nos peditórios nas Termas do Luso.

Continua o desfile de terras: Amadora, S. João do Estoril, Santarém, Esgueira, Idanha-Belas, Rana e várias vezes Lisboa. Tudo mensagens portadoras de sangue para os que mais precisam destas transfusões de fraternidade.

E um casal português, em Colónia — Alemanha, com generosa partilha em carta dirigida aos «queridos Padres, Senhoras, Jovens e Crianças — a todos saudamos em Cristo. Que o Senhor a todos abençoe e chame algum dos meus filhos para a Sua messe. Façam uma oração para que eles alcancem essa graça e sejam libertos das más inclinações».

Oh beleza! Que o Senhor nos livre também de más inclinações e nos ajude a ser sempre dignos de tanta confiança e amizade.

Padre Carlos

ANGOLA

Desespero na Assistência Social

«**D**EVEMOS dar à criança tudo o que ela merece», é um slogan que fez escola nos tempos áureos em que os angolanos acreditavam num futuro melhor para os seus filhos, uma vez alcançada a independência nacional, em 11 de Novembro de 1975. Acontece que por causa da guerra e da própria ambição dos homens, o processo angolano não seguiu o percurso / via a um futuro melhor, mas sim via a um futuro cheio de pesadelos e de incertezas.

As crianças foram as que mais pagaram e continuam a pagar com o descalabro do «sonho angolano». As estatísticas falam por si. Segundo a UNICEF, Angola está em primeiro lugar, a nível mundial, no que toca a nados mortos e em segundo em mortalidade infantil! Está por contabilizar, em dados fiáveis, o número de crianças órfãs, mutiladas, desamparadas, desaparecidas, traumatizadas, etc. Sabe-se, contudo, que em qualquer uma destas rubricas, o número é contido na ordem dos milhares!

Em face desta situação, existem observadores nacionais e internacionais que não hesitam em afirmar que

Angola é um país que tem o seu futuro fortemente comprometido. Assim é e assim será, pelo menos, se não se alterar, a curto ou médio prazos, o quadro actual que é ainda enegrecido com o número de crianças exploradas através do trabalho infantil ou, então, fora de qualquer sistema de Educação e Ensino.

Embora custe a acreditar, porém, a sociedade angolana não está preparada, nem tão pouco se preparou, para fazer face a esta situação aterradora. Em princípio não deveria ser assim, até porque Angola é um país que conhece a guerra desde Fevereiro ou Março de 1961. Portanto, em Angola, sempre houve crianças órfãs e desamparadas. Acontece, contudo, que os serviços de assistência social eram eficientes e funcionais. As estruturas do Estado eram complementadas com as da Igreja e outras Organizações não Governamentais (ONG's).

Não é demais realçar que, hoje, muitos dirigentes que têm os destinos de Angola nas suas mãos, devem a sua formação académica e, mesmo, moral e cívica, à eficiência dos então Serviços de Assistência Social que tinham como órgão director o Instituto de Assistência Social de Angola (IASA).

Em 1975, por alturas da independência, decidiu-se partir do zero, porque era

necessário construir o chamado "homem novo". O Estado assumiu o monopólio absoluto da Assistência Social em Angola. Desta forma, quase duas décadas de experiência no campo da Assistência Social, foram pura e simplesmente abandonadas a favor de uma nova ideologia. As estruturas do IASA, da Igreja e das ONG's foram convertidas em Escolas Provisórias, isto quando não tinham outro destino menos apropriado. Tais Escolas Provisórias eram dirigidas por directores que, em alguns casos, pouco sabiam de assistência social e, todos, sofriam de um mal crónico chamado «reunião». A título de exemplo: a Casa do Gaiato de Benguela, então convertida em Escola Provisória, quando foi devolvida à Igreja, em 1992, apresentava um aspecto desolador. As oficinas de carpintaria e serralharia, estavam paralizadas. Os campos de cultivo, abandonados. Os rapazes, entregues a uma vida de ócio; e lutavam pela própria sobrevivência, amontoados em camaratas superlotadas. Faltava o rosto humano que sempre caracterizou as Casas do Gaiato. Em perfeito contraste, o director e sua família (mulher e filhos), ocupavam um espaço que, no passado, servia para acolher trinta rapazes e, desfrutavam de todas as mordomias.

Com uma assistência social estruturada desta forma não é, pois, de admirar a tragédia que hoje se vive em Angola, em que as crianças da rua são apenas a parte visível do iceberg.

MALANJE dia-a-dia

25/12/95

Natal!

Acácia-rubra no outeiro,
vermelho no verde!
Tanta ternura nos cachos
beijados pela brisa!
Pela tarde
— Menino Jesus vai passar
e sorrir ao poente...
Vai trazer no manto de linho
um regaço de estrelas!
E veio...
Mas logo se perdeu
no labirinto
dos malmequeres...
Cada porta uma recusa!
Nem uma lareira, na noite!
Árvores floridas de luzes,
sem uma única flor!
Cansado e triste,

Não obstante Angola, estar envolvida numa guerra destruidora desde que ascendeu à independência, não foram construídas mais estruturas de Assistência Social. Pelo contrário, as herdadas de 1975, muitas foram destruídas pela guerra enquanto que outras conheceram a degradação total.

Já foi um gesto de coragem e de humildade, o facto do Estado angolano ter voltado a convidar a Igreja e as ONG's para trabalharem consigo no campo da assistência social. Só é pena que se tenha perdido tanto tempo, pois, hoje, a situação é de desespero.

Eduardo Santos Silva

adormeceu nas lixeiras.

Depois acordou
e sentou
numa lata vazia...
Tão sujo o seu manto!
Seguiu Seu caminho.
Uma a uma
cada estrela
foi caindo
na lama
de cada rua!!!

28/12/95

CARTA para as nossas Casas do Gaiato: Queridos!

Em beleza, o dia do nascimento do Senhor!
O contentor, chegado a Luanda oito dias antes do Natal, foi desalfandegado, posto no camião do «Zé da Fiska» e chegou a Malanje dois dias antes da nossa consoada. Milagre?! Uma ajuda evidente do Senhor! Batatas com bacalhau! Há quanto tempo não víamos.

Felizes pelo bem para os nossos rapazes: comida, roupa e até brinquedos!

Porém, tristes pela fome que, de novo, grassa na cidade. Tudo encareceu. A maioria do Povo não tem poder de compra. Sendo assim, os comerciantes deixaram de trazer géneros de Luanda.

De novo, o rodopio às portas das Missões e Casas de religiosas...

De novo, o aumento em número e brutalidade dos assaltos nocturnos...

Na terra do «leite e mel», o Povo à míngua!

Assim é.

No contentor chegaram as mil chapas de zinco. Começámos já a distribuição. A princípio, perguntaram a medo — quanto custariam...

Que nada, elas são o produto de donativos recebidos nas nossas Casas do Gaiato por pessoas que, mesmo à distância, sentem os problemas dos Outros.

Terem chapas para as suas casinhas é a maior aspiração de todos os que regressam às suas senzalas.

De todos nós, para vós todos, um abraço de gratidão pelas coisas boas que nos mandastes.

1/1/96

PAZ?! Quem nos dera!

Nós a desejamos em cada estrela que parece anunciá-la no silêncio das noites!

Quase se converte em certeza no alívio de cada manhã de sol!

Porém, pelo dia, pairam como nuvens — sombras e cantos de medo...

Pedimos ao Senhor — Príncipe da Paz — que ela venha, de facto; e que nos mostre o seu sinal na copa, toda vermelha, duma acácia-rubra.

Padre Telmo

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro: 72.000 exemplares.